

# Guilherme de Azevedo —

## Introdução

Eu poucas vezes canto os casos melancólicos,  
Os letargos gentis, os êxtases bucólicos  
E as desditas cruéis do próprio coração;  
Mas não celebro o vício e odeio o desalinho  
Da musa sem pudor que mostra no caminho  
A liga à multidão.

A sagrada poesia, a peregrina eterna,  
Ouvi dizer que sofre uma afeição moderna,  
Uns fastios sem nome, uns tédios ideais;  
Que ensaia, presumida, o gesto romanesco  
E, vaidosa de si, no cola ebúrneo e fresco,  
Põe cremes triviais!

Oh, pensam mal de ti, da tua castidade!  
Deslumbra-os o fulgor dos astros da cidade,  
Os falsos ouropéis das cortesãs gentis,  
E julgam já tocar-te as roçagantes vestes  
Ó deusa virginal das cóleras celestes,  
Das graças juvenis!

Retine a cançoneta alegre das bacantes,  
Saudadas nos vagões, nos cais, nos restaurantes,  
Visões de olhar travesso e provocantes pés,  
E julgam já escutar a voz do paraíso,  
Amando o que há de falso e torpe no sorriso  
Das musas dos cafés!

Oh, tu não és, decerto, a virgem quebradiça  
Estiolada e gentil, que vem depois da missa  
Mostrar pela cidade o seu fino desdém,  
Nem a fada que sente um vaporoso tédio  
Enquanto vai sonhando um noivo rico e nédio

Que a possa pagar bem!

Nem posso mesmo crer, arcanjo, que tu sejas  
A menina gentil que às portas das igrejas  
Enquanto a multidão galante adora a cruz,  
A bem do pobre enfermo à turba pede esmola  
Nas pampas ideais da moda, que a consola  
Das mágoas de Jesus!

E nas horas de luta enquanto os povos choram  
E a guerra tudo mata e os reis tudo devoram,  
Não posso dizer bem se acaso tu serás  
A senhora que espalha os lânguidos fastios  
"Zzzzzzzzznos pomposos salões, sorrindo a fazer fios  
À viva luz do gás!

Tu és a aparição gentil, meia selvagem,  
De olhar profundo e bom, de cândida roupagem,  
De fronte imaculada e seios virginais,  
Que desenha no espaço o límpido contorno  
E cinge na cabeça o virginal adorno  
De folhas naturais.

Teus a linha ideal das cândidas figuras;  
As curvas divinais; as tintas sãs e puras  
Da austera virgindade; as belas correções;  
E segues majestosa em teu longo caminho  
Deixando flutuar a túnica de linho  
Às frescas virações!

Quando trava batalha a tua irmã Justiça  
Acodes ao combate e apontas sobre a liça  
Uma espada de luz ao Mal dominador:  
E pensas na beleza harmônica das cousas  
Sentindo que se move um mundo sob as lousas  
No gérmen duma flor!  
Num sorriso cruel, pungente de ironia,  
Também sabes vibrar, serena, ativa e fria,

O látego febril das grandes punições;  
E vendo-te sorrir, a geração doente,  
Sentir cuida, talvez, a nota decadente,  
Das mórbidas canções!

Oh, voa sem cessar traçando nos teus ombros  
O manto constelado, ó deusa dos assombros,  
Até chegar um dia às regiões de luz,  
Aonde, na poeira aurífera dos astros,  
Contrito, Satanás enxugará de rastos,  
As chagas de Jesus!

Lugar à minha fada ó lânguidas senhoras!  
E vós que amais do circo as noites tentadoras,  
Os flutuantes véus, os gestos divinais,  
Podeis vê-la passar num turbilhão fantástico,  
Voando no corcel febril, nervoso, elástico,  
Dos novos ideais!

Eu vi passar, além, vogando sobre os mares  
O cadáver de Ofélia: a espuma da voragem  
E as algas naturais serviam de roupagem  
À triste aparição das noites seculares!  
Seguia tristemente às regiões polares  
Nos limos das marés; e a rija cartilagem  
Sustinha-lhe tremendo aos hálitos da aragem,  
No peito carcomido, uns grandes nenúfares!

Oh! Lembro-me que tu, minha alma, em certos dias  
Sorriste já, também, nas vagas harmonias  
Das cousas ideais! Mas boje à luz mortiça

Dos astros, caminhando; apenas as ruínas  
Das tuas criações fantásticas, divinas,  
De pasto vão servindo aos lírios da justiça!

**Guilherme de Azevedo, A alma nova**